

BULLYING

Escolas e Judiciário fazem ação conjunta para divulgar cartilha com orientações aos pais, alunos e professores

Problema pode começar em casa

JUNIA OLIVEIRA

Uma cartilha promete unir os sistemas educacional e Judiciário no combate às agressões e às humilhações sofridas por crianças e adolescentes dentro das escolas. A ferramenta, lançada esta semana pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), é a mais nova aposta no combate ao bullying. Ao todo, 16 páginas orientam pais, alunos e professores a detectar o problema. O texto aborda, entre outros aspectos, como ele se manifesta, como um aluno vivencia a situação, a quem recorrer e o que fazer para resolver a questão. Escolas públicas e particulares e órgãos da Justiça em todo o Brasil receberão 46 mil exemplares da cartilha. O material também pode ser consultado e baixado no site do CNJ (www.cnj.jus.br).

O juiz auxiliar do conselho, Daniel Issler, ressalta que o trabalho de atendimento à infância e à juventude precisa ser coordenado e articulado e, por isso, não adianta as instituições agirem isoladamente. "A sociedade está se mobilizando e acordando para o problema e não aceita mais o bullying como uma brincadeira infantil ou de mau gosto. É um assunto muito sério e não deve ser tolerado, porque as consequências são graves, como baixo rendimento escolar, evasão e efeitos psicológicos", afirma. "Só assim teremos uma educação funcionando, pois a relação na escola fica prejudicada. E esse aluno será um adulto que poderá ter problemas", acrescenta.

O texto da cartilha, de autoria da psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, caracteriza as vítimas e os agressores. Quem sofre as humilhações, normalmente, são alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja pela situação socioeconômica, de idade, de porte físico ou até porque estão em menor número. Além disso, as vítimas, de forma geral, já apresentam algo que destoa do grupo (são tímidas, introspectivas, nerds, muito magras; são de credo, raça ou orientação sexual diferente etc.).

Já os bullies (agressores), na escola, fazem brincadeiras de mau gosto, gozações, põem apelidos pejorativos, difamam, ameaçam, constroem e menosprezam alguns alunos. Furtam ou roubam dinheiro, lanches e pertences de outros estudantes. Costumam ser populares na escola e estão sempre enturmados, mas divertem-se à custa do sofrimento alheio. Em casa, mantêm atitudes desafiadoras e agressivas em relação aos familiares, são arrogantes no agir, no falar e no vestir, demonstrando superioridade. "Manipulam pessoas para se safar das confusões em que se envolveram. Costumam voltar da escola com objetos ou dinheiro que não possuíam.

Muitos agressores mentem, de forma convincente, e negam as reclamações da escola, dos irmãos ou dos empregados domésticos", afirma o texto.

Ainda segundo a cartilha, o fenômeno pode começar em casa. "Os pais, muitas vezes, não questionam suas próprias condutas e valores, eximindo-se da responsabilidade de educadores. O exemplo dentro de casa é fundamental. O ensinamento de ética, solidariedade e altruísmo se inicia ainda no berço e se estende para o âmbito escolar, onde as crianças e adolescentes passarão grande parte do seu tempo", diz. E acrescenta que a escola é corresponsável, pois é nesse ambiente que os comportamentos agressivos e transgressores se evidenciam ou se agravam.

ORIENTAÇÃO Numa escola particular no Bairro Padre Eustáquio, na Região Noroeste de Belo Horizonte, o bullying é um dos vários temas tratados durante encontros quinzenais promovidos pela instituição. O respeito ao outro e a si mesmo e as relações interpessoais são abordados de maneira leve, sem deixar de lado a seriedade. "Esse problema é muito justificado em cima de brincadeiras. Dizemos aos meninos que brincadeira só tem essa conotação quando há diversão para os dois lados e a perde quando um deles se incomoda", relata a orientadora educacional Rita Maria de Freitas Viana Lima.

Ela conta que professores e funcionários observam ainda os alunos tímidos e introspectivos. Quando surge alguma situação específica, os educadores atuam como mediadores para que os estudantes resolvam o problema entre si. Em casos mais sérios, os pais são comunicados e pode haver punição e até suspensão. "Com alguns alunos conseguimos fazer mudanças e com outros não. Além do contexto de escola, ele tem uma vivência fora, sobre a qual não podemos interferir. De repente, pôr apelidos é hábito na família de alguém, por exemplo. Quando o menino vem para a escola, reproduz esse comportamento e o colega não gosta, ele estranha."

A psicanalista Mercedes Merry Brito afirma que bullying é o novo nome dado ao constrangimento, à humilhação e à tirania instalados há muito tempo na cultura brasileira. "À medida que a violência, em suas várias facetas e nomes, invade espaços privados, as escolas e as ruas, é preciso criar lugares para que humilhados e agressores sejam escutados. O tratamento possível da violência se dá, a meu ver, pela palavra. A violência se impõe exatamente onde a palavra faltou, onde não pode ser dita ou não foi escutada. Onde os sujeitos envolvidos não são escutados, o bullying pode vir como resposta."

CONTINUA...

CONTINUAÇÃO.

O QUE É



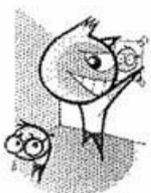
Termo de origem inglesa e ainda sem tradução no Brasil, é usado para qualificar comportamentos agressivos no âmbito escolar, praticados por meninos e meninas. Os atos de violência (física ou não) ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas. Tais comportamentos não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Em última instância, significa dizer que, de forma "natural", os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas.

QUAIS SÃO AS FORMAS DE BULLYING?



VERBAL: Insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, "zoar"

FÍSICA E MATERIAL: Bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertences da vítima



PSICOLÓGICA E MORAL: Humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar

SEXUAL: Abusar, violentar, assediar, insinuar



VIRTUAL, OU CIBERBULLYING: Bullying realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.)

QUAL É A DIFERENÇA DO CIBERBULLYING E DO BULLYING TRADICIONAL?

Uma das formas mais agressivas de bullying é o ciberbullying, ou bullying virtual. Os ataques ocorrem por meio de ferramentas tecnológicas como celulares, filmadoras, máquinas fotográficas, internet e seus recursos (e-mails, sites de relacionamentos, vídeos). Ele extrapola, em muito, os muros das escolas e expõe a vítima ao escárnio público. Os praticantes desse modo de perversidade também se valem do anonimato e, sem nenhum constrangimento, atingem a vítima da forma mais vil possível.

QUAL O PERFIL DAS VÍTIMAS?

Os bullies (agressores) escolhem os alunos que estão em franca desigualdade de poder, seja pela situação socioeconômica, de idade, de porte físico ou até porque, numericamente, estão desfavoráveis. Além disso, as vítimas, de forma-geral, já apresentam algo que destoa do grupo (são tímidas, introspectivas, nerds, muito magras; são de credo, etnia ou orientação sexual diferente etc.).

COMO PERCEBER QUE UMA CRIANÇA OU ADOLESCENTE ESTÁ SOFRENDO BULLYING?

NA ESCOLA:

- No recreio, ficam isoladas do grupo, ou perto de alguns adultos que possam protegê-las
- Na sala, têm postura retraída. Faltam frequentemente às aulas, mostram-se sempre tristes, deprimidas ou aflitas
- Nos jogos ou atividades em grupo, sempre são as últimas a serem escolhidas ou são excluídas
- Aos poucos vão se desinteressando das atividades e tarefas escolares
- Em casos mais dramáticos apresentam hematomas, arranhões, cortes, roupas danificadas ou rasgadas

EM CASA:

- Frequentemente se queixam de dores de cabeça, enjoo, dor de estômago, tonturas, vômitos, perda de apetite, insônia. Esses sintomas tendem a ser mais intensos no período que antecede o horário de as vítimas entrarem na escola
- Mudanças frequentes e intensas de estado de humor, com explosões repentinas de irritação ou raiva
- Geralmente, elas não têm amigos ou, quando têm, são bem poucos. Há uma escassez de telefonemas, e-mails, torpedos, convites para festas, passeios ou viagens com o grupo escolar
- Passam a gastar mais dinheiro do que o habitual na cantina ou com a compra de objetos diversos com o intuito de presentear os outros
- Apresentam diversas desculpas (inclusive doenças físicas) para faltar às aulas